



Além das fronteiras: mulheres, diplomacia cultural e relações internacionais nos séculos XIX e XX

Beyond Borders: Women, Cultural Diplomacy and International Relations in the 19th and 20th Centuries

Sin fronteras: mujeres, diplomacia cultural y relaciones internacionales en los siglos XIX y XX

Melissa Mendes Caputo Vicente¹

ID [0000-0002-6456-0133](#)

Ana Carolina Ribeiro Sacramento²

ID [0009-0004-5069-6816](#)

Resumo: Este estudo busca realizar uma análise da atuação diplomática feminina não oficial no período de transição do governo imperial para a república brasileira. A pesquisa, fundamentada em fontes periódicas e bibliográficas, possibilitou o mapeamento da atuação de mulheres da nobreza como verdadeiras embaixadoras culturais da época. Elas foram responsáveis pelo estreitamento de laços, pelo intercâmbio entre diferentes nações e, também, por atuarem como porta-vozes da construção da identidade nacional.

Palavras-chave: Nova História Diplomática. Embaixadoras Culturais. História das Mulheres.

Abstract: This study aims to analyse unofficial female diplomatic activity during the transition from the imperial government to the Brazilian republic. The research, based on periodical and bibliographical sources, made it possible to map out the role of women from the nobility as true cultural ambassadors of the time. They were responsible for strengthening ties and exchanges between different nations, as well as acting as spokespeople for the construction of national identity.

Keywords: New Diplomatic History. Cultural Ambassadors. History of Women.

Resumen: Este estudio pretende analizar la actividad diplomática femenina no oficial durante la transición del gobierno imperial a la república brasileña. La investigación, fundamentada en fuentes hemerográficas y bibliográficas, permitió el mapeo de la actuación de mujeres de la nobleza como verdaderas embajadoras culturales de la época. Ellas fueron responsables del estrechamiento de lazos, del intercambio entre diferentes naciones y, además, de actuar como portavoces de la construcción de la identidad nacional.

Palabras-clave: Nueva Historia Diplomática. Embajadoras Culturales. Historia de las Mujeres.

¹ Doutoranda em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas - CPDOC/FGV. Lattes: [2397509396471939](#) - E-mail: melmscaputo@gmail.com.

² Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Católica de Santos - UNISANTOS. Lattes: [9155146995017240](#) - E-mail: anasacramento019@gmail.com.

Introdução

Os anos 1850 são considerados como um marco na história da transformação civilizatória brasileira por Carvalho (2012) e Chalhoub (2012). Como notável efeito da antecipação da maioridade de Dom Pedro II, percebeu-se em diversos âmbitos certa estabilidade, viabilizando assim o processo de construção e, futuramente, de consolidação de uma nação independente. Ainda que persistissem alguns marcos do retrocesso, como a insistência na manutenção da escravidão, o avanço do processo de modernização nacional fazia-se presente.

Entretanto, é importante destacar que a configuração do Brasil como Estado-nação, tal como conhecemos hoje, não era um fato evidente no momento da independência (1822). Conforme argumenta Jancsó (2000), a unidade política e territorial da antiga América Portuguesa não estava assegurada de antemão. A constituição de uma monarquia centralizada, com sede no Rio de Janeiro, representou apenas uma das possíveis saídas históricas diante das incertezas e disputas regionais do período. A coesão do território sob uma mesma autoridade não foi um processo natural ou homogêneo, mas uma construção política marcada por tensões internas e interesses divergentes entre diferentes regiões do país.

Essa perspectiva contribui para ampliar a compreensão sobre os esforços posteriores do Império brasileiro na afirmação de sua soberania e unidade. O reconhecimento internacional da independência e da integridade territorial do Brasil foi mobilizado estrategicamente pelo governo imperial como meio de legitimar sua posição tanto externa quanto internamente. Ao assegurar-se como representante legítimo da totalidade do antigo território colonial, o Rio de Janeiro impôs uma narrativa de continuidade e centralização que nem sempre correspondia aos interesses locais. Dessa forma, a consolidação do Estado brasileiro envolveu não apenas processos diplomáticos e modernizantes, mas também a produção ativa de um imaginário nacional que viabilizasse a ideia de unidade frente à diversidade regional e às alternativas históricas descartadas.

Durante o período, a diplomacia brasileira se moldou e aprimorou para obtenção de alguns objetivos centrais: o fortalecimento da soberania nacional por meio do reconhecimento internacional de sua independência, para que, enfim, se pudesse construir um cenário pacífico e traçar os limites territoriais com as nações vizinhas (Cervo & Mello, 2010). Era entendido que a legitimidade internacional não apenas traria reconhecimento da

existência do Brasil como ator legítimo no cenário global, mas também validaria suas políticas e ações em âmbito interno. De acordo com Carvalho (1990, p. 10), “[...] a elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político”; para o Brasil da época, que havia declarado independência recentemente e passava por um processo de consolidação nacional, o reconhecimento externo era crucial. Assim, o governo imperial se viu cada vez mais amparado em seu corpo diplomático e na expansão de sua rede de representações no exterior.

Nos limites do debate sobre a formação de uma identidade nacional e definição de uma política estrangeira efetiva, a diplomacia cultural foi declaradamente usada de maneira estratégica para obtenção dos objetivos políticos traçados. Havia a ideia de que o Brasil, juntamente aos países do sul global, seria um mero receptáculo das políticas culturais europeias. Nas palavras de Siegfried (1934, p. 09, *tradução nossa*): “[...] o eixo geográfico do continente americano encontra-se em direção norte-sul, mas não ignoremos um outro eixo, aquele das influências da cultura, que vai de leste a oeste”.³

Para compreender melhor o tema em pauta, entre uma gama de definições para o termo “diplomacia cultural”. O Departamento de Estado dos Estados Unidos em 2005 descreve a diplomacia cultural como um esforço oficial para promover o intercâmbio cultural e expandir a cultura globalmente, utilizando elementos como música, arte, filosofia ou os valores de uma nação. Esse processo de difusão cultural pode ser motivado por diferentes objetivos (Madeira Filho, 2016, p. 29).

Não obstante, outra contribuição conceitual relevante pode ser extraída do texto de J. Lenczowski (2007, p. 196, *tradução nossa*), no qual é afirmado que:

A diplomacia cultural pode ser definida como o uso de diversos elementos da cultura para influenciar o público estrangeiro, formadores de opinião e até mesmo líderes estrangeiros. Esses elementos abrangem toda a gama de características dentro de uma cultura: incluindo as artes, educação, ideias, história, ciência, medicina, tecnologia, religião, costumes, maneiras, comércio, filantropia, esportes, linguagem, profissões, passatempos etc., e os diversos meios pelos quais esses elementos podem ser comunicados. A diplomacia cultural busca aproveitar esses elementos para influenciar os estrangeiros de várias maneiras [...]⁴

³ Original: “L'axe géographique du continent américain est en direction Nord-Sud, mais ne méconnaissons pas un autre axe, celui des influences de la culture, qui va de l'Est à l'Ouest”

⁴ Original: “Cultural diplomacy may be defined as the use of various elements of culture to influence foreign publics, opinion makers, and even foreign leaders. These elements comprehend the entire range of characteristics within a culture: including the arts, education, ideas history, science, medicine, technology, religion, customs, manners, commerce, philanthropy, sports, language, professional vocations, hobbies, etc., and the various media by which these elements may be communicated. Cultural diplomacy seeks to harness these elements to influence foreigners in several ways [...]”.

A diplomacia cultural é um conceito em constante redefinição, marcado pela sobreposição com outros termos como diplomacia pública, relações culturais e intercâmbio cultural, o que dificulta um consenso terminológico. Contudo, como defende Fisher (2008), não se deve sacrificar o conteúdo pela precisão semântica. Assim, podemos adotar a definição de Cummings (2003), entendendo diplomacia cultural como o intercâmbio de bens, ideias e práticas culturais entre diferentes agentes, pautado pela reciprocidade, mutualidade e dedicação à cultura como valor em si.

Diante o supracitado, seria extremamente rasa a análise e constatação de que os intercâmbios culturais em dado período se restringiriam a este espectro. A virada do século XIX para o XX foi, para o Brasil, um período de desenvolvimento de uma diplomacia ativa, pautada significativamente no âmbito cultural. Desde o campo intelectual-literário até as pomposas recepções a relevantes figuras políticas internacionais, o país se pôs pioneiro, à frente das demais nações latino-americanas no uso estratégico de sua promoção cultural (Dumont & Fléchet, 2014). Contudo, seria de fato, extremamente rasa a análise e constatação de que os intercâmbios culturais se restringiriam a este espectro. A virada do século XIX para o XX foi um período de desenvolvimento de uma diplomacia ativa, pautada significativamente no âmbito cultural. Desde o campo intelectual literário até as pomposas recepções a relevantes figuras políticas internacionais, o país se pôs pioneiro, à frente das demais nações latino-americanas no uso estratégico de sua promoção cultural (Dumont & Fléchet, 2014).

Tradicionalmente centrada na perspectiva de figuras masculinas do corpo diplomático, a história diplomática do Brasil reflete um padrão de exclusão das mulheres em muitos aspectos da vida pública. Desde o período imperial até a República, os principais cargos de destaque na diplomacia brasileira foram ocupados por homens, enquanto o papel das mulheres foi frequentemente minimizado ou ignorado.

O enfoque masculino na narrativa diplomática pode ser atribuído a normas sociais e culturais que historicamente restringiam o acesso das mulheres a posições públicas. Além disso, a falta de reconhecimento e documentação que registre as contribuições femininas é determinante para tal. No entanto, esforços recentes têm buscado corrigir essa perspectiva. Pesquisadores e historiadores estão cada vez mais empenhados em destacar as realizações das mulheres na diplomacia, oferecendo uma visão mais completa e inclusiva da história

diplomática brasileira. Esse movimento visa não apenas reconhecer o papel significativo das mulheres, mas também reavaliar a narrativa tradicional, proporcionando uma representação mais equitativa (Balester, 2018).

Assim, a participação das mulheres na esfera pública foi, por muito, alvo de críticas e resistências, o que impediu diretamente sua atuação política durante um longo período. Como resultado, o sexo feminino foi indubitavelmente silenciado e invisibilizado.

No século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Elas tiveram que esperar até o final do XIX para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades. No século XX, descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações. Também ficou claro, finalmente, que a história das mulheres podia ser escrita. Hoje já é uma área acadêmica consolidada (Perrot, 2007, p. 11).

Durante muito tempo, as diferenças de gênero foram vistas como biologicamente determinantes, um sexo descrito como biologicamente distinto, moralmente inferiores ao sexo masculino; incapazes de representar a si mesmas, e sobretudo, incapazes de participarativamente do âmbito público (Rago, 2015).

Investido de uma função oficial, o homem público desempenha um papel importante e reconhecido. Mais ou menos célebre, participa do poder. [...] Depravada, debochada, lúbrica, venal, a mulher – também se diz a ‘rapariga’ - pública é uma ‘criatura’, mulher comum que pertence a todos (Perrot, 1998, p. 7).

Não obstante, a pesquisa científica no campo epistemológico da História das Relações Internacionais tem evidenciado, de forma crescente, o papel desempenhado por mulheres ao longo do tempo, ainda que dentro dos limites impostos pelos contextos sociais e institucionais de cada época. Nesse processo de ampliação do escopo analítico, destacam-se obras pioneiras que buscaram reconstruir e interpretar a participação política indireta das chamadas "esposas diplomáticas". Entre elas, podemos mencionar o livro *Daughters of Britannia: The Lives and Times of Diplomatic Wives*, de Katie Hickman (1999), e a obra *Embajadoras culturales. Mujeres latinoamericanas y vida diplomática, 1860–1960*, organizada por Paula Bruno, Alexandra Pita & Marina Alvarado (2021). Tais estudos contribuem para a compreensão das formas pelas quais essas mulheres atuaram nos bastidores da diplomacia, desempenhando funções que, embora não formalmente reconhecidas, foram politicamente relevantes no âmbito das relações internacionais.

Com o desenvolvimento do presente estudo pretende-se investigar o papel exercido por mulheres pertencentes às famílias abastadas da sociedade brasileira durante a virada para

o século XX, na atuação diplomática não oficial entre o período de transição e consolidação entre o período monárquico para a república.

Pretende-se analisar, através de fontes periódicas impressas, os registros históricos de atividade diplomática cultural de mulheres pertencentes a estas famílias socialmente influentes, com foco em identificar e compreender as contribuições dessas mulheres para a atuação diplomática não oficial na esfera sociopolítica brasileira no período de consolidação da república. O estudo se concentrará em analisar de forma preliminar a participação em eventos sociais e de caráter diplomático por mulheres pertencentes à elite brasileira, visando compreender como contribuíram para o estreitamento de laços e promoção cultural entre nações distintas, além de seu papel na consolidação da política externa brasileira e formação identitária nacional.

O presente estudo insere-se em uma vertente historiográfica emergente que busca revisar criticamente as narrativas tradicionais das relações internacionais, historicamente centradas em atores estatais e predominantemente masculinos. Ao direcionar o foco para a atuação de mulheres pertencentes à elite brasileira no contexto de transição do regime monárquico para a República, esta pesquisa contribui para ampliar o escopo analítico da disciplina, ao evidenciar formas de agência política exercidas fora dos canais diplomáticos formais.

Nesse sentido, a investigação propõe uma releitura da diplomacia enquanto prática social que transcende as fronteiras institucionais do Estado, reconhecendo o papel desempenhado por mulheres em esferas consideradas privadas — como eventos sociais, recepções e circuitos culturais — que, no entanto, assumiram funções estratégicas na construção de laços internacionais e na promoção da imagem nacional. Trata-se, portanto, de problematizar a dicotomia entre o público e o privado, tradicionalmente reproduzida nas análises de política externa, revelando como o espaço social também operou como território político-diplomático.

A análise das fontes periódicas impressas da época permitirá identificar e interpretar as dinâmicas socioculturais que envolveram essas mulheres na diplomacia informal, ressaltando a relevância simbólica e prática de suas atuações para o fortalecimento da presença internacional do Brasil e para os processos de consolidação da identidade nacional.

Tais contribuições, ainda que não formalmente reconhecidas, foram fundamentais no contexto de reconfiguração do Estado brasileiro e de sua inserção no cenário internacional.

Ao privilegiar fontes e sujeitos historicamente marginalizados na historiografia das relações internacionais, esta pesquisa também oferece uma contribuição metodológica importante, ao propor uma abordagem interdisciplinar que articula história social, cultural e de gênero. Nesse movimento, insere-se em um esforço epistemológico mais amplo de pluralização do campo, ao incorporar perspectivas que desafiam os paradigmas tradicionais de poder e representação.

Para construção e elaboração do presente estudo, a metodologia de pesquisa utilizada foi qualitativa descritiva, utilizada em conjunto ao método historiográfico. Segundo Creswell (2007, p. 187), a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa, ou seja, o pesquisador faz uma interpretação dos dados partindo de uma visão holística, se concentrando, desta forma, na compreensão profunda dos fenômenos sociais. A pesquisa qualitativa é aquela que foca na análise de micro processos por meio do estudo das ações tanto individuais quanto grupais, realizando uma análise aprofundada dos dados e destacando-se pela abordagem heterodoxa durante a análise.

Para delimitação e problematização da hipótese de pesquisa, foi necessário a realização de um levantamento bibliográfico preliminar que possibilitasse compreender, em perspectiva histórica, os processos de constituição do Estado nacional brasileiro na virada do século XIX para o XX. Essa etapa teve como objetivo situar o fenômeno investigado dentro de um contexto mais amplo de formação das instituições republicanas, redefinição das elites dirigentes e construção das identidades nacionais. Nesse escopo, destacam-se como referência fundamental a obra *A construção nacional (1830–1889)* organizada por José Murilo de Carvalho (1990), que aborda, entre seus diversos capítulos, com rigor analítico, a configuração do aparato estatal e suas implicações para a consolidação do projeto nacional. A obra *Brasil: Formação do Estado e da Nação*, organizada por István Jancsó (2003), foi incorporada à base teórica por oferecer uma abordagem multidisciplinar e crítica sobre os mecanismos históricos que sustentaram a centralização do poder, a administração pública e as formas de articulação entre sociedade e Estado.

Superada essa fase de contextualização macroestrutural, a pesquisa voltou-se para um campo teórico-metodológico voltado à crítica das formas tradicionais de produção do

conhecimento histórico, especialmente no que tange à invisibilização da experiência feminina nos registros documentais e narrativas institucionais. Buscou-se, portanto, um referencial que considerasse a porosidade das fontes e a necessidade de leitura intertextual, capaz de captar a presença das mulheres mesmo quando mediada, silenciada ou distorcida por discursos masculinos hegemônicos. Nessa direção, foram adotadas como principais interlocuções as obras *Minha história das mulheres*, de Michelle Perrot (2007), e *Nova história das mulheres no Brasil*, organizada por Carla B. Pinsky & Joana Maria Pedro (2015). Ambas fornecem importantes subsídios teóricos para a compreensão da construção social da feminilidade e da atuação das mulheres nos espaços públicos e privados, desvelando os mecanismos simbólicos de controle, exclusão e representação seletiva que historicamente restringiram sua agência.

Com base nesse aparato teórico e historiográfico, a etapa seguinte da investigação consistiu na identificação e organização do corpo diplomático brasileiro atuante entre os anos de 1850 e 1920, período marcado por profundas transformações na política externa brasileira, pela profissionalização da carreira diplomática e pela intensificação da inserção internacional do país. Esse levantamento permitiu a construção de um quadro sistematizado contendo os nomes dos diplomatas e de suas respectivas esposas, de modo a facilitar a visualização das redes de sociabilidade e das formas de participação feminina nos circuitos diplomáticos e sociais da época. Tal mapeamento constitui a base empírica para a análise das esferas de atuação informal das mulheres no campo diplomático, tradicionalmente relegadas à margem das narrativas institucionais.

Quadro 1: Diplomatas e esposas: participação pública

Diplomata	Esposa	Data de nascimento/falecimento	Participação pública
Irineu Evangelista de Sousa	Maria Joaquina de Sousa Machado (baronesa de Mauá)	1825 - 1904	Ativa
Francisco Inácio Carvalho Moreira	Carlota Emilia de Aguiar e Andrade (baronesa de Penedo)	1823 - 1900 (+)	Ativa
João Lustosa da Cunha Paranaguá	Matilde Simonard (condessa de Paranaguá)	1862 - 1921	Ativa

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Posteriormente, por meio do acervo da *Hemeroteca Digital* da Fundação Biblioteca Nacional⁵, foram levantados periódicos que registrassem a participação pública dessas mulheres em eventos de relevância social e, sobretudo, diplomática, como missões oficiais, jantares e bailes da aristocracia. As informações encontradas foram organizadas em um quadro no apêndice desta pesquisa, que classifica as fontes por conteúdo e as associa a cada figura estudada.

Por fim, após a identificação das mulheres com participação mais expressiva e o aprofundamento de suas biografias, analisamos o contexto, a relevância e, principalmente, os propósitos dos eventos sociais da época. A principal fonte para essa análise foram as crônicas da série *Cartas ao amigo ausente*, publicadas no *Jornal do Commercio* entre 1850 e 1851, nas quais José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco, apresenta sua perspectiva sobre a transformação da nação e o papel desempenhado pelos bailes e demais eventos sociais nesse processo.

As soirées

Na virada para o século XX, o Rio de Janeiro se torna palco da lapidação de uma dinâmica social que valorizava com maior afinco o comércio de luxos e entretenimento, diretamente ligados à necessidade da classe aristocrática de exposição de seus status elevado e distinção das outras camadas sociais, de modo a seguir um padrão europeizado. Sendo assim, as diversas atividades de convívio entram em alta, além de contribuir para o destaque nos círculos sociais.

[...] é na capital, durante os anos de 1840 e 1860, que se cria uma febre de bailes, concertos, reuniões e festas. A corte se opõe à província, arrogando-se o papel de informar os melhores hábitos de civilidade, tudo isso aliado à importação dos bens culturais reificados nos produtos ingleses e franceses (Schwarcz, 1998, p. 111).

O âmbito político é visto como um centro de convergência que, originado das instituições e funções do Estado, se expande para todas as demais áreas da vida social, exercendo influência e sendo influenciado por elas. Desta forma, as agências responsáveis pela promoção de tais eventos, atuavam de forma indireta na definição de demandas e necessidades nacionais. De acordo com Pinho (1942, p. 12), os salões do segundo reinado

⁵ Disponível em: [BN Digital](#).

exerceram esse grande papel de moderadores do canibalismo das facções, e não poucas vezes favoreceram, dentro dos partidos, as conciliações.

Adentrando o objeto deste estudo, argumenta-se que a organização e participação das mulheres da alta sociedade nestes eventos representou o estreitamento de relações e conexão com outras personalidades, por vezes estrangeiras, de influência. Ainda em Pinho (1942, p. 13), é citado o poeta Tobias Barreto: “A influência do salão, que é sinônima da influência da mulher, não sendo perturbada por fatores estranhos, é, em todo caso, uma força civilizatriz [...]”. Já para Paranhos: “Se a diplomacia considera os jantares como habilíssimos agentes internacionais, os ministérios e os pretendentes dizem que as *soirées* e os bailes são de uma grande força persuasiva para certos parlamentares” (Paranhos, 2008).

De acordo com Rodrigues (2008, p. 18), José Maria da Silva Paranhos “[...] participava de todas as festas, frequentava o Prado, adorava os bailes e recomendava sempre aos que o escutavam que gozassem o mundo”. “O baile! O baile é sempre o baile! Estas interjeições exprimem as mais sérias preocupações, os mais vivos e afetuosos sentimentos da atual sociedade fluminense” (Paranhos, 2008, p. 365).

De acordo com Silva (1978), a década de 1850, no Rio de Janeiro, a prática dos bailes já não era uma novidade. Esse tipo de festividade seguia regras e princípios delimitados pela alta sociedade. Com a chegada da família real portuguesa em 1808, o cotidiano colonial experimentou significativas mudanças. A vida pública tornou-se mais vibrante, com a frequência crescente de bailes que passaram a seguir os padrões europeus, organizados por mestres que chegaram do Velho Continente. Esses eventos eram realizados em teatros, nas casas da elite e durante as festividades da Coroa (Melo, 2014).

Em 1815, foi criada a Assembleia Portuguesa, que tinha a finalidade de reunir pessoas influentes para participar de diversas atividades sociais, incluindo bailes, que eram regulamentados por estatutos e seguiam estritas normas de etiqueta (Silva, 1978). Como eventos de maior relevância nesse cenário, foram identificados a Assembleia Portuguesa, os Bailes do Catete, o Baile da Ilha Fiscal, a Assembleia estrangeira e o Paço Imperial, sendo este último oferecido em nome dos imperadores para a alta sociedade. Estes atraíam não somente a classe aristocrática, como diversas figuras estrangeiras ligadas a órgãos diplomáticos.

A Baronesa de Mauá

Os grandes eventos públicos frequentados pelas esposas de diplomatas em períodos maiores tinham muitos paralelos com aqueles menores e mais obscuros. Mais tranquilos e menos ceremoniosos, esses eventos eram, à sua maneira, igualmente memoráveis para as mulheres que os presenciavam. Muitas vezes, carregavam o mistério adicional de serem proibidos aos olhos masculinos⁶ (Hickman, p. 165, 1999, *tradução nossa*).

Maria Joaquina de Sousa Machado, sobrinha, e posteriormente esposa de Irineu Evangelista de Sousa, vem a se casar no dia 12 de abril de 1841.

[...] a escolhida pelo seu afeto para esposa quase inseparável, até mesmo em longas e penosas viagens, a ‘mulher forte’ pelo carinho, que lhe assiste sempre, nos bons como nas maus dias – no apogeu recebendo os títulos de baronesa e viscondessa de Mauá, e na desgraça – desfazendo-se das jóias, dos pequenos móveis, até das moringas de barro, para entregar aos credores – mitigando-lhe sempre as atribulações, como desvelada companheira – que ainda sobrevive ao marido e a alguns filhos, extinguindo-se como matrona antiga, em Petrópolis, em 1904 (Ganns, 2011, p. 26).

A fim de desvendar as particularidades da baronesa como evidente embaixadora cultural no meio diplomático, se dá a necessidade de entender com mais profundidade, de fato, a figura de Irineu Evangelista, descrito pelo Sr. Heitor Lira como alguém de “espírito visceralmente patriota”, teve como ponto obscurecido de sua reputação o financiamento dados aos “farroupilhas” na luta do Sul contra o Império. Do estigma de “traidor da Pátria” ao papel de maior vínculo de influência efetiva do Brasil no Prata, o então visconde e após, Barão de Mauá, tinha pouca simpatia por D. Pedro II.

Como todo o homem extremamente ocupado, – Irineu era um cérebro em constante elaboração, espécie de motor que trabalhava até no vácuo –, sempre foi avesso às obrigações sociais. Difícil era à esposa obter-lhe a aquiescência para acompanhá-la na retribuição de visitas. Certa ocasião, interrompendo tarefa urgente, ante as instâncias da mulher, foram ambos visitar a família de importante titular, desses com quem as suas relações eram mais do que ceremoniosas (Ganns, 2011, p. 44).

Em acordo com Ganns (2011), Ernéo, como era chamado na intimidade pela baronesa, abominava o desempenho dos papéis sociais exigidos pelo alta sociedade, tornando-se um constante desafio para Maria Joaquina, que indubitavelmente, cumpria com esplendor estas obrigações.

⁶ Original: “The grand public events attended by diplomatic wives in the larger postings had many parallels in the smaller and more obscure ones. Quieter and less ceremonious, these occasions were in their own ways equally memorable to the woman who witnessed them. Very often they carried the added mystique of being forbidden to male eyes”.

Maria Joaquina de Sousa Machado, a Baronesa de Mauá, representou com eloquência o papel de porta-voz e acompanhante do marido. Entre frequente participação ao “Paço Imperial”, sempre na presença de célebres membros do corpo diplomático de diferentes nacionalidades; idas ao palacete junto a outros nobres; frequentes viagens em acompanhamento aos negócios do marido e, na nomeação como madrinha de casamento de D. André Lamas, ex-ministro plenipotenciário da República do Uruguai, os periódicos encontrados sobre a participação da baronesa em eventos sociais usados como muletas às relações internacionais são, sobretudo, abundantes (*Correio Mercantil*, *Instructivo*, *Político*, *Universa*).

A Baronesa de Penedo

“De todos os cantos, enfeitadas e sorridentes, com ingenuidade encantadora e graciosa, surgiam as beldades da terra de Piratininga, fazendo escravos apaixonados na galeria numerosa dos acadêmicos” (Mendonça, 2006, p. 28). “Carlota Emilia de Aguiar e Andrada, aos atrativos da natureza, generosa e irresistível [...]”, como retratada por Mendonça (2006, p. 29), trazia no sangue a grandeza dos Andrada; sobrinha de José Bonifácio, ainda que carregasse a alhivez digna de tal sobrenome, não se pôde deixar de cativar por Francisco Inácio Carvalho Moreira, a quem acompanhou até o fim de seus tempos.

“O casamento se dá no ano seguinte, em 1840, quando Carlotinha passa a ser esposa modelo, elemento de triunfo e estímulo constante nas lutas de Carvalho Moreira” (Mendonça, 2006, p. 29).

O casal então muda-se para o Rio de Janeiro, onde Carvalho Moreira se dedica plenamente à sua verdadeira paixão: a carreira de advogado, até que de forma gradativa acenda e seja incorporado aos representantes internacionais da nação. Carvalho Moreira, que equidistante da aversão social apresentada por Irineu Evangelista, gozava os prazeres das relações sociais ofertadas pelo Rio de Janeiro.

Em 18 de novembro de 1851, é iniciada a carreira diplomática de Carvalho Moreira,

E de Lisboa, Moreira embarcava para a Inglaterra, povo a que sempre dispensou a melhor das admirações desde o tempo em que na banca de advogado, defendeu várias causas da colônia britânica no Rio de Janeiro. De Londres passa a Paris, tendo sucessivamente o contato dos dois empórios do mundo – o da economia e o da inteligência (Mendonça, 2006, p. 93).

Dentro de tal realidade, Carlota fazia o seu melhor para acompanhar o esposo em suas missões, esbanjando sempre um ar de perfeição. “[...] Dona Carlota conseguira um milagre em Londres. Agradara sem falar uma palavra de inglês. Mas em Paris sentia-se à vontade, pelo domínio da língua e da literatura francesa” (Mendonça, 2006, p. 175).

De acordo com Mendonça, em 26 de maio de 1864, Cambacérès, grão-mestre de cerimônias da casa imperial, convida-os para o baile marcado para o dia 29 no Palácio das Tulherias. A imperatriz também agendou para a noite a apresentação da Baronesa do Penedo, a *mademoiselle* de Carvalho Moreira.

Na hora marcada antes do baile, os três comparecem. Carlota Lucinda impressiona imediatamente, e a Imperatriz Eugênia não esconde sua simpatia por “*cette charmante brésilienne*”. A Baronesa exibe aquele porte distinto e as maneiras refinadas típicas da família Andrada. Assim, a estreia dos novos diplomatas brasileiros na Corte foi um verdadeiro sucesso.

Diante ao supracitado, é inquestionável a eloquência de tal senhora nos meios que frequentava. A baronesa tinha presença marcada nas *soirées* brasileiras, tendo, assim como a baronesa de Mauá, estado presente em diversas seções do “Paço Imperial”; em estadias frequentes à Europa; utilizando-se como ponte entre o príncipe e princesa de Galles e os imperadores do Brasil e, posteriormente, até mesmo acompanhando o esposo em viagens de cunho diplomático.

A Condessa de Paranaguá

“Nada mais aventuroso que dizer, sobre temas conhecidos, coisas novas que mereçam ser guardadas, e mais perigoso ainda dizer coisas velhas, ao menos com aquela presunção de originalidade que justifique a atenção alheia” (Ganns, 2011, p. 19).

Mathilde Simonard, nasce em 17 de novembro de 1862 no ilustre Rio de Janeiro, filha de Pedro Simonard e de Carolina Resse, neta do ilustre Barão de São Vitor, era vinda de família abastada e já de status socialmente elevado. Pouco se tem disponível sobre sua personalidade, além de sua habilidade em lidar com exigências sociais e protocolares dos eventos sociais. Tudo o que se sabe está intrinsecamente ligado ao marido, José Lustosa da Cunha Paranaguá, com quem se casou em 1888 (Memória Política de Santa Catarina, 2023).

José Lustosa, retratado como uma das figuras centrais no âmbito político brasileiro durante o século XIX e XX, desempenhou papel significativo em diversos níveis do governo provincial e nacional. Sua carreira abrangeu quatro décadas, marcadas por importantes posições e contribuições ao desenvolvimento político e administrativo brasileiro. Mathilde Simonard, neste contexto, exerceu com afinco o papel de uma esposa idealizada, acompanhando-o a todos os eventos e missões ao longo de sua trajetória.

De fato, ao analisar o rico registro encontrado nos periódicos da época, entende-se a vasta participação da condessa nas soirées do alto escalão. Um dos eventos mais marcantes frequentado pela condessa em solo nacional, foi o baile oferecido pelos condes de Figueiredo em 1906 ao embaixador americano e sua senhora; evento notoriamente regado a luxo e pompa, tendo participação ilustre de diversos membros de famílias brasileiras da alta sociedade e personalidades estrangeiras (*Gazeta de Notícias*, 1906).

Diante de vasto registro de comparecimento em eventos como os bailes promovidos no Palácio de Crystal, conferências políticas, recepções a embaixadores internacionais, destacam-se também a recepção ao embaixador americano e sua senhora, ao ministro da Alemanha e senhora, ao ministro do Chile e Uruguai, junto de suas senhoras (*O Copacabana*, 1908).

Ademais, entre os feitos da condessa, não se pode deixar de pontuar o caráter organizacional de tão rebuscada figura, entre as mais reconhecidas recepções da condessa, destaca-se o chá dançante no Pavilhão Mourisco, em Botafogo, oferecido aos nobres da região, além dos bailes oferecidos anualmente em outubro nos salões de sua propriedade (*Jornal do Commercio*, 1915).

Considerações Finais

O objetivo preliminar do presente estudo foi investigar a relevância dos eventos sociais da época como facilitadores para o exercício da diplomacia, além do papel exercido por mulheres pertencentes às famílias abastadas da sociedade brasileira durante a virada para o século XX, na atuação diplomática não oficial entre o período de transição e consolidação entre o período monárquico para a república.

Como primeira etapa metodológica, após o levantado do contexto histórico sociopolítico do Brasil na virada do século XIX, foi realizado o levantamento do corpo

diplomático brasileiro compreendido no período entre 1850 e 1920, além de suas esposas correspondentes, selecionando seus perfis entre publicamente participativos ou não; e após, foram selecionados os periódicos que contivessem registros de participações públicas dessas mulheres em eventos de significância social e sobretudo, cunho diplomático.

Para desenvolvimento do estudo foram selecionadas as baronesas de Mauá, de Penedo e pela Condessa de Paranaguá, tendo estas, apresentado grande significância social, representando com eloquência o papel de porta-vozes culturais.

Diante ao exposto, percebe-se o papel fundamental dessas mulheres da elite brasileira na virada para o século XX na consolidação das relações sociais e internacionais, em um período caracterizado por mudanças políticas e sociais. Estas exerceram influências notáveis ao estabelecerem conexões entre diferentes membros da classe aristocrática e do corpo diplomático de diversas nacionalidades, estando indiretamente ligadas às mudanças dos cenários político e cultural da época. Suas participações em eventos sociais, atividades filantrópicas e interações, contribuíram para projetar uma imagem de sofisticação e civilidade do Brasil no âmbito internacional. É possível então, reconhecer o papel dessas mulheres não apenas como ícones de status e prestígio, mas também como agentes ativos na construção e lapidação de dinâmicas sociais e políticas da época, assim como os esforços em direção à modernização e à mudança e construção de uma identidade nacional.

Assim, futuramente, pretende-se retomar a vida e trajetórias dessas e de mais mulheres, e trazer uma análise mais aprofundada sobre suas mentalidades, eloquência e significância social perante o contexto em que viveram.

Fontes

Fundação Biblioteca Nacional. A Festa dos Condes de Figueiredo. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1906. Disponível em: [BNDigital](#). Acesso em: 20 dez. 2023.

Fundação Biblioteca Nacional. Paço Imperial. **Diário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 10 set. 1856. Disponível em: [BNDigital](#). Acesso em: 20 dez. 2023.

Fundação Biblioteca Nacional. Chronica Diaria. **Diário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 11 maio 1857. Disponível em: [BNDigital](#). Acesso em: 18 dez. 2023.

Fundação Biblioteca Nacional. Mundo Elegante. **O Copacabana**. Rio de Janeiro, 15 mar. 1908. Disponível em: [BNDigital](#). Acesso em: 20 dez. 2023.

Fundação Biblioteca Nacional. Tópicos do dia. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 05 out. 1915. Disponível em: [BNDigital](#). Acesso em: 18 dez. 2023.

Referências

Balester, Gabriela Soares. Feminismos e espaço público: mulheres na diplomacia brasileira. **Gênero**, v. 19, n. 1, p. 110-129, 2018.

Bruno, Paula; Pita, Alexandra & Alvarado, Marina. **Emabajadoras culturales:** mujeres latinoamericanas y vida diplomática (1860-1960). Rosario: Prohistoria Ediciones, 2021.

Carvalho, José Murilo de. Introdução: as marcas do período. In: Carvalho, José Murilo de (Coord.). **História do Brasil:** nação (1808-2010). Vol. 2: A construção nacional (1830-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 19-36.

Carvalho, José Murilo. **A Formação das almas. O imaginário da república no Brasil.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.

Cervo, Amado Luiz & Mello, Carlos Ernesto Cabral de. **Imagens da Diplomacia Brasileira.** Brasília: FUNAG, 2010.

Chalhoub, Sidney. População e sociedade. In: Carvalho, José Murilo de (Coord.). **História do Brasil:** nação (1808-2010). Vol. 2: A construção nacional (1830-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 37-82.

Creswell, John W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Cummings, Milton. **Cultural diplomacy and the United States government:** a survey. Washington: Center for Art and Culture, 2003.

Dumont, Jean & Fléchet, Anaïs. “Pelo que é nosso!”: a diplomacia cultural brasileira no século XX. **Revista Brasileira de História**, v. 34, n. 67, p. 203-221, 2014.

Madeira Filho, Acir Pimenta. **Instituto de cultura como instrumento de diplomacia.** Brasília: FUNAG, 2016.

Ganns, Carlos. **Autobiografia:** Visconde de Mauá. Brasília: Edições do Senado Federal, v. 148, 2011.

Hickman, Katie. **Daughters of Britannia:** the lives and times of diplomatic wives. Nova Iorque: Flamingo, 1999.

Jancsó, István (Org.). **Brasil:** formação do Estado e da Nação. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2003.

Jancsó, István & Pimenta, João Paulo Garrido. Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: Mota, Carlos Guilherme (Org.). **Viagem incompleta**. São Paulo: Senac, 2000. p. 390-440.

Lenczowski, John. **Keeping the purpose clear**. Washington: The Institute of World Politics Press, 2007.

Melo, Victor Andrade de. Educação do corpo – bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de Paranhos. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 3, p. 751–766, 2014.

Memória política de Santa Catarina. **Biografia José Lustosa da Cunha Paranaguá**, (2023). Disponível em: Memória Política. Acesso em: 2 jul. 2024.

Mendonça, Renan. **Um diplomata na Corte da Inglaterra**: o Barão de Penedo e sua época. Brasília: Edições do Senado Federal, v. 74, 2006.

Paranhos, José Maria da Silva. **Cartas ao amigo ausente**. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

Perrot, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela Maria Salgueiro Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

Perrot, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

Pinho, Wanderley. **Salões e damas no Segundo Reinado**. São Paulo: Livraria Martins, 1942.

Pinsky, Carla Bassanezi & Pedro, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

Rago, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: Pedro, Joana Maria & Grossi, Miriam Pillar (Org.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. p. 1-17.

Rodrigues, José Honório. Explicação. In: Paranhos, José Maria da Silva. **Cartas ao amigo ausente**. Rio de Janeiro: ABL, 2008. p. 18-365.

Schwarcz, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Siegfried, André. **L'Amérique latine**. 2. Ed. - Paris: Livraria Armand Colin, 1934.

Silva, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

Apêndice - Periódicos: Eventos sociais

Mulheres / Título	Fonte	Assunto	Link
Maria Joaquina de Sousa Machado (baronesa de Mauá)	Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal (RJ)	Paço Imperial (junto de personalidades internacionais)	BNDigital
		Notícias Rio da Prata	BNDigital
		Baronesa dançando com o Imperador	BNDigital
		Paço Imperial	BNDigital
		Ida ao palacete junto de outros nobres	BNDigital
		Filantropia	BNDigital
		Madrinha de casamento da filha de D. André Lamas (ex-ministro plenipotenciário da república do Uruguai)	BNDigital
		Viagens	BNDigital
Maria Izabel de Andrade Lisboa (baronesa de Japurá)	Jornal da Noite (Lisboa, POR)	Eleita para cargo na Devocão de Nossa Senhora da Piedade junto de outras senhoras	BNDigital
		Recepção da baronesa em jantar diplomático	BNDigital

		Participação da baronesa em teatro	BNDigital
		Ida a eventos sociais com outros nobres	BNDigital
		Festa diplomática (organizada por ela e marido)	BNDigital
		Baronesa junto de damas e cavalheiros do corpo diplomático	BNDigital
		Baronesa dançando com Rei de Portugal em baile junto a corpo diplomático	BNDigital
		Soirée no Paço	BNDigital
		Baile na legação da Itália	BNDigital
		Soirée em homenagem à baronesa	BNDigital
		Baronesa, já viúva, em Portugal	BNDigital
		Baronesa no velório/enterro da Impetatriz do Brasil	BNDigital
	Jornal do Commercio (RJ)	Trajetória da baronesa	BNDigital

	Correio Paulistano (SP)	Falecimento da baronesa	BNDigital
Matilde Simonard (condessa de Paranaguá)	Gazeta de Notícias (RJ)	Condessa no baile dos condes de Figueiredo	BNDigital
		Condessa em evento social em Lisboa	BNDigital
		Doação e pressão pública para estátua do ex-Imperador	BNDigital
		Presença em festa no palácio de Crystal	BNDigital
	O Suburbio (RJ)	Condessa no primeiro corso, nas alamedas da Exposição Nacional	BNDigital
	O Copacabana : Orgão Litterario, Commercial, Noticioso e Recreativo Dedicado ao Bello Sexo de Copacabana (RJ)	Evento de cunho diplomático	BNDigital

	Matto Grosso : Revista Mensal de Sciencias, Letras, Artes e Variedades (MT)	Conferência sobre as serras matogrossenses	BNDigital
	O Malho (RJ)	homenagem ao marquez de Paranaguá (com imagem da condessa junto ao pai)	BNDigital
	Jornal do Commercio Edição da Tarde (RJ)	Evento diplomático no palácio Isabel	BNDigital
	O Paiz (RJ)	Organização de evento da alta sociedade	BNDigital
		Presença em festa no palácio de Crystal (delegação do Chile)	BNDigital
		Recepção legação argentina	BNDigital
		Presença em casamento	BNDigital
		Anúncio de baile organizado pela condessa	BNDigital
Carlota Emilia de Aguiar e Andrade (baronesa de Penedo)	Diário do Rio de Janeiro (RJ)	Paço Imperial	BNDigital

		Paço Imperial	BNDigital
		Viagem para Europa	BNDigital
		Baronesa na Inglaterra junto dos imperadores do Brasil	BNDigital
		Recepção do príncipe e princesa de Galles pela baronesa e marido no baile dos Imperadores	BNDigital
		Ida da baronesa junto ao ministro para a Alemanha em missão diplomática	BNDigital
O Globo : Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ)		Príncipe e princesa de Galles recepcionados pelo ex-ministro e baronesa	BNDigital
		Baronesa em Geneva junto de outras personalidades	BNDigital
O Despertador (SC)		Baronesa em viagem imperial	BNDigital

Fonte: Elaborado pelas autoras com base no repositório da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Submetido em: 04 de fevereiro de 2025

Avaliado em: 12 de abril de 2025

Aceito em: 12 de maio de 2025